

Um cego pode esquiar!

A princípio, a cegueira levou Jean Eymere a uma desesperada depressão, mas, depois, motivou-o para a criação de um programa para cegos

JOHN E FRANKIE O' REAR

«**Q**UE é uma montanha?» perguntou George Lawson, de 22 anos, completamente cego de nascença. Nessa primeira vez que deixava as ruas asfaltadas de Chicago, George tinha acabado de chegar à região montanhosa de Aspen, no Colorado, como convidado de uma original organização chamada BOLD (sigla, em inglês, de Aperfeiçoamento

da Vida do Cego ao Ar Livre), entidade com fins não lucrativos, destinada à participação dos deficientes visuais nos esportes. Tal como os outros cegos de idades entre 14 e 48 anos, da quota de 12 daquela semana, ele tinha sido convidado para tomar parte num animado programa de passeios a pé, alpinismo, equitação, natação, *camping*, pesca e atividades culturais.



CONDENSADO DE
«SATURDAY EVENING POST»
(JANEIRO/FEVEREIRO DE 1976).
© DE THE SATURDAY
EVENING POST CO.,
INDIANÁPOLIS, INDIANA

«Você não tardará a descobrir o que é uma montanha», respondeu-lhe John Hayes, coronel reformado do Exército, então diretor do clube BOLD de Aspen. «Você não somente irá descobrir o que é uma montanha, uma truta ou um cavalo, mas eu lhe garanto que, no fim desta semana, terá esquecido aquilo que não pode fazer e ficará surpreendido com o que é capaz de fazer.»

No dia seguinte, George e seus companheiros cegos pegaram o teleférico que os levou até o alto de Loges Peak, a 3.300 metros de altitude. Lá em cima, ele almoçou sentado ao sol num campo gramado cheio de flores silvestres. Bebeu num regato que recendia a samambaias, deixando a água gelada escorrer-lhe pelas mãos em concha. Depois, juntamente com seus companheiros cegos, foi guiado na descida pela rústica picada de seis quilômetros e meio, até a pousada onde estavam hospedados.

«Gente, eu adoro estas montanhas!» desabafou ele naquela noite quando se deixou afundar no sofá, exausto mas satisfeito.

Fundada em 1970 por um francês chamado Jean Eymere, a BOLD, Inc., é hoje a matriz de uma organização de âmbito nacional nos Estados Unidos, com 15 clubes regionais filiados funcionando em diversos pontos do país; quatro outros estão em formação. Até agora, essa organização já transformou a vida de centenas de ce-

gos norte-americanos, cujo total orça pelos 500 mil.

Para que o primeiro clube BOLD surgisse, foi preciso que a tragédia atingisse pessoalmente Eymere. Além de dirigir sua própria estalagem na serra, Jean era instrutor diplomado de esqui em Aspen e membro da excelente Equipe de Salvamento na Montanha. Um dia, em 1969, quando tinha 33 anos, depois de esquiar, voltou queixando-se de sentir a vista turva. Aquilo já lhe tinha acontecido antes, mas, daquela vez, sofria de dores agudas e latejantes por trás dos globos oculares.

«Vou falar-lhe francamente, Jean», disse-lhe o médico mais tarde. «Você está ficando cego... completamente cego. Podemos tentar uma operação, mas o caso parece irreversível.»

Através da janela, Jean olhou para a neve que se acumulava sobre os pinheiros, mal podendo avistar as montanhas adiante. «Eu só pensava», declara Jean, recordando aquele amargo momento, «era em que nunca mais voltaria a esquiar, que jamais tornaria a escalar uma montanha, que nunca mais poderia pescar nem montar a cavalo.»

Quando era menino, nos Alpes franceses, Jean tinha contraído diabetes. Durante dois anos, a doença não fora diagnosticada nem tratada. Quando afinal descobriram, teve de passar seis meses em tratamento de insulina, num hospital, para salvar a vida.

Apesar desse contratempo, Jean conseguiu formar-se pela Escola de Belas-Artes de Paris. Depois de um período como desenhista comercial e gravador em aço, em Nova York, ele e sua encantadora esposa, Wilhelmina, de origem holandesa, abriram uma pousada em Aspen. Ali, até o momento em que a certeza da iminente cegueira lhe abalou temporariamente o ânimo, os esportes e as artes preencheram inteiramente sua vida.

Depois de uma série de operações dolorosas e sem resultado, Jean mergulhou num estado de apatia e de desesperança. Dia após dia, ele se sentava, desanimado, envolto em seu mundo de trevas, acompanhado de Chianti, seu cão-guia de pêlo amarelado, que se enroscava a seus pés.

Precisamente quando Jean começava a pensar que já não haveria futuro para ele, ocorreu algo que transformou sua vida. Pouco depois de se ter iniciado a temporada de esqui, no inverno de 1969-70, Brian Webber, esquiador do Coachlight Chalet, de propriedade de Jean, entrou no saguão sacudindo a neve das botas. «Vamos embora, Jean. Você não pode ficar aí sentado eternamente. Vamos esquiuar!»

«Esquiuar? Você está doido!»

Brian, no entanto, insistiu tanto com Jean que este, embora muito receoso, concordou, e os dois se encaminharam para as montanhas. Foi quase um fracasso. Primeiro que tudo, havia o orgulho de Jean:

quem fora outrora excelente esquiador passara a ser um inepto principiante. Além disso, tinha de enfrentar as tensões provocadas pela falta de equilíbrio e as vertigens – problemas comuns dos cegos quando são submetidos a movimentos bruscos pela primeira vez. Caiu repetidas vezes e, numa ocasião, quase foi de encontro a uma árvore.

Jean voltou para casa e caiu exausto em sua cadeira, perto da lareira. Quase não falou, e Wils (nome carinhoso que dá à mulher) também não procurou conversar. No íntimo, porém, ele estava exultante. «Ainda que, naquele primeiro dia, tudo me parecesse sem esperanças», recorda Jean, «eu sentia a alegria de lutar. Pelo menos, *estava fazendo algo.*» Ao fim de uma semana, ele já estava esquiando encosta abaixo, sob controle, com Brian deslizando atrás dele, encorajando-o constantemente e orientando-o em seu caminho.

«Meu Deus, Brian, talvez eu seja capaz de esquiuar!» A partir desse momento, Jean recomeçou a viver. Sua crença traduziu-se num novo grito de guerra: *Sou capaz!* «Sou capaz de esquiuar. Sou livre. Sou capaz de fazer tudo!»

Cada dia era portador de um novo desafio. Pela primeira vez, Jean experimentou patinar no gelo. Decorridas apenas sete lições e longas horas de prática, ele passou nos testes preliminares de dança da Associação de Patinação Artís-

tica dos Estados Unidos. Assim que chegou o verão e as flores começaram a enfeitar o alto da montanha, Wils preparou, com naturalidade, o equipamento de *camping* e o caniço de pesca de Jean. Acompanhados de Chianti e de alguns amigos, subiram as montanhas de Aspen, pescaram e, na fogueira do acampamento, assaram uma truta furta-cor que Jean tinha pescado.

«A princípio, eu nem queria acreditar. Quase que sentia mais prazer agora do que antes de ficar cego.» Com renovada confiança, outros esportes se seguiram. Jean nadava, montava a cavalo, andava de bicicleta dupla com Wils e chegou mesmo a navegar de caíque em rios de águas tranqüilas. Além disso, passou a interessar-se por aquilo que chama de «artes táteis»: escultura, talha em madeira, azulejaria. «Posso sentir o que estou criando. É a mesma coisa que montar a cavalo ou esquiar por uma encosta abaixo – a sensação é mais de tato do que de visão.»

Sua vitória pessoal, no entanto, não era suficiente. «Eu realmente ainda não tinha aprendido a completa emoção de viver», diz ele, «até o dia em que me ocorreu este pensamento: *Se eu sou capaz de fazer estas coisas, provavelmente, deve haver muitos outros cegos que podem aprendê-las também.*»

Em 1970, Jean fundou a BOLD. Seu plano era levar deficientes visuais a Aspen, para que praticassem esportes de inverno e de ve-

rão, supervisionados por uma equipe de guias voluntários que seriam ao mesmo tempo seus companheiros de todas as horas. Nessa época, Jean era vice-presidente do Lions Club de Aspen, e esta entidade ofereceu-lhe seu patrocínio e ajuda financeira.

«Quero fazer com que outros cegos sorriam e com que sintam o vento no rosto, como eu», dizia Jean a seus benfeitores em potencial. Um grande amigo seu, Jack Schuss, banqueiro de investimentos em Nova York, tornou-se diretor-executivo da BOLD e rasculhou seu programa-base. Daí a pouco, começaram a chover doativos vindos de outras organizações locais.

Jean escolheu deliberadamente o esqui como ponto de partida para seu programa da BOLD porque, como dizia Schuss, «se uma pessoa cega, fisicamente inativa, pode subitamente dominar algo tão violento como o esqui, esporte difícil até mesmo para quem pode ver, ela se convencerá de que não há limites para aquilo que poderá realizar».

Uma coisa era Jean provar que seria capaz de fazer aquilo em que fora bom antes de ficar cego, mas, agora, ele e seus instrutores estavam enfrentando um desafio mais duro: ensinar esqui a cegos que não tinham quaisquer conhecimentos desse esporte.

Os primeiros aprendizes foram rapazes e moças da Escola de Surdos e Cegos do Colorado. Ne-

nhum deles havia jamais calçado esquis, e quase todos eram cegos de nascença. Usando jaquetas fluorescentes com os dizeres BLIND SKIER (esquiador cego) e seguindo o sistema de um instrutor para cada aluno, ouvindo constantemente vozes de comando sobre o que deveriam fazer, em uma semana todos os jovens aprenderam como se segurar ao cabo do teleférico para esquiadores e, sob controle, aprenderam também a esquiar por encostas suaves.

O programa de verão foi também um êxito imediato: cegos de todas as idades e origens foram a Aspen, hospedaram-se com Jean no seu Coachlight Chalet e o acompanharam pelos campos.

Diante do sucesso do clube BOLD de Aspen, Jean e Jack Schuss fundaram a BOLD, Inc. Hoje em dia, o sonho de Jean de levar sua mensagem até o maior número possível de pessoas cegas está, rapidamente, se tornando realidade. «A gente não deve esquecer», afirma ele, «que, há apenas 20

anos, não se permitia que os cegos andassem desacompanhados em transportes públicos. Hoje, estamos construindo casas e escalando montanhas. Podemos ser pessoas ativas e criadoras, vivendo a vida ao máximo.»

Ninguém é melhor exemplo disso do que o próprio Jean. Em 1974, participou de provas de corrida rústica em esquis, nos Campeonatos Internacionais para Deficientes, realizados na França. Recentemente, fez exposições de patinação artística em rinks da Europa e da América. Pensava ele que, de fato, já havia atingido o máximo, até um dia do verão de 1975, quando um amigo lhe disse: «Amanhã, vamos escalar Castle Peak, e você virá conosco.»

«Ótimo!» exclamou Jean. «Irei.» No dia seguinte, ao amanhecer, lá iam eles a caminho da difícil ascensão. Antes do pôr-do-sol, Jean, triunfante, estava de pé no topo da montanha, a 4.348 metros de altitude, com um sorriso tão amplo quanto o próprio céu.



NUM segundo, o Sol emite mais energia do que aquela que o homem consumiu em todos os tempos, desde que a civilização começou. A luz que cai sobre Los Angeles daria para abastecer de energia todas as casas da Terra.

— National Geographic News Service

A FIM DE fazer notar a subida dos preços nos consertos de automóveis, a companhia norte-americana de seguros Mutual Insurance Alliance pediu a um consultor independente que calculasse quanto custaria numa oficina mecânica americana, usando peças novas, a montagem total de um Chevrolet Impala 1976. O preço de fábrica do carro é de 4.438 dólares, mas a montagem sairia por 19.979 dólares. — S. P.